

Por Um Procedimento Interdisciplinar Em Comunicação: A Criação De Conceitos Com A Filosofia Da Diferença De Gilles Deleuze¹

Diego Frank Marques CAVALCANTE²

Fanor Derry

RESUMO

O propósito desse artigo é propor um procedimento interdisciplinar para a criação de conceitos em comunicação a partir de alianças com a filosofia da diferença de Gilles Deleuze. O procedimento tem seis momentos: problematização, traçar um plano de imanência, propósito, seleção dos intercessores, torção e articulação dos intercessores. Utilizaremos o aludido procedimento para compor o conceito de cognição comunicacional. Tal conceito tem o propósito de organizar o funcionamento de criações coletivas graças a interação.

PALAVRAS-CHAVE: Interdisciplinaridade, Gilles Deleuze, Cognição Comunicacional, Procedimento.

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Comunicólogo, mestre em sociologia e doutor em ciências da comunicação (USP). Professor de teorias da comunicação e semiótica da Fanor Devry.

1. interdisciplinaridade e complexidade: aspectos introdutórios

O movimento interdisciplinar nas ciências ganha força, sobretudo, a partir da década de 1960: o ambiente era o dos movimentos estudantis e de contra- cultura. A crescente desigualdade social derivada da crise do capitalismo industrial, as guerras mundiais, a degradação do ambiente, problematizam a noção moderna de que a ciência seria o fundamento necessário e seguro para o progresso (FAZENDA, 1994).

Na Europa, intelectuais tais como Gusdorf, Piaget, Strauss e, em seguida, Morin, doravante passam problematizar e discutir a lógica das ciências modernas bem como seus aspectos metodológicos, epistemológicos e ontológicos. Destes movimentos se desenvolveram as noções de complexidade e interdisciplinaridade.

No escopo destas discussões, destaca-se a problematização do paradigma simplificador das ciências modernas. Segundo Morin (1999), entre as características gerais do aludido paradigma estão: a separação entre a filosofia e a ciência que culminaria na ausência de reflexão sobre o saber-fazer científico; a intensa fragmentação dos saberes em associação com a abstração de variáveis. O que estaria em jogo seria a busca de invariáveis, leis e regularidades que reafirmassem a certeza científica, marginalizando os aspectos caóticos.

O pensamento complexo, proposto por Morin (2005), busca dialogar com o caos que o paradigma simplificador tenta evitar. Trata-se de re-ligar os saberes, compreender suas interações, retroações bem como assumir seu caráter provisório e falível: complexo é aquilo que é tecido junto.

No entanto, não se trata de abdicar do paradigma simplificador: característico das disciplinas modernas. A disciplina é importante para organizar os saberes na medida em que novos tecidos são acoplados ao entendimento. A partir do diálogo com o caos é que se busca a organização, simplificação, descrição, para a compreensão dos fios em interação. Em seguida, abre-se novamente para o caos buscando aumentar a compreensão da complexidade do fenômeno em estudo (MORIN, 2005).

A interdisciplinaridade, portanto, está envolvida com um paradigma complexo de re-ligar as disciplinas. Segundo Fazenda (1994) é impossível uma definição única e geral da interdisciplinaridade. No Brasil, por exemplo, Japiassú (1976) e Fazenda

(1994) desenvolveram uma abordagem que parte de um pressuposto uma filosofia do sujeito bem como a formação de uma equipe interdisciplinar.

Por outro lado, Etges (1993), parte do pressuposto dialético e histórico. Nesta abordagem, a interdisciplinaridade é senão fruto do processo histórico e seu método deve se voltar para sínteses criativas nas relações entre as ciências. Assim, o mais importante não é a formação de equipes interdisciplinares, mas antes o enriquecimento epistemológico-metodológico das disciplinas em suas interações.

Não é propósito desse texto o aprofundamento das abordagens que foram apenas sumarizadas acima. Trata-se apenas de situar a relação entre os pressupostos filosóficos e as construções epistemológicas e metodológicas da interdisciplinaridade.

Se, como acima apresentado, parte-se da filosofia do sujeito ou de uma perspectiva histórico-dialética, aqui será proposto um procedimento metodológico interdisciplinar para a criação de conceitos em comunicação a partir da filosofia da diferença de Gilles Deleuze. Se Morin (2010) destaca a importância da re-ligação da filosofia com as ciências no seu sentido reflexivo, aqui, propomos estender essa ligação a uma filosofia da diferença.

Por outros termos, significa trazer a criação de conceitos, a invenção, para as ciências, de forma específica, para as ciências da comunicação. Tratar-se-ia de conceituar, organizar as qualidades e suas relações, ou seja, definir intensivamente o que se vai investigar, para depois utilizar métodos de análise, interpretação-compreensão, etc.

2. A filosofia da diferença e o procedimento de colagem

A filosofia da diferença de Gilles Deleuze, segundo Machado (2010), privilegia a diferença em detrimento da identidade e da representação, a ética em vez da moral, o acontecimento antes das estruturas, os encontros em vez do sujeito. Mas o que significa a diferença para Deleuze?

De forma simplificada, em uma sentença, dir-se-ia: tratar-se-ia de deformar as identidades dominantes, abri-las para novas conexões por meio de encontros que caotizam a linguagem, impedindo-a de meramente representar. Se os esquemas de representações não dispõem de signos para expressar tais encontros, eles precisam ser

experimentados, inventados ou diferenciados nos termos de Deleuze (1988) em seu livro-tese diferença e repetição.

Para Deleuze (2010) fazer filosofia é criar conceitos e para isso o filósofo desenvolve um procedimento que recebeu diferentes denominações: intercessores, colagem, teatro filosófico, dramatização.

O processo de criação de conceitos é senão produção da diferença, invenção. Mas para que serve o conceito? Por que inventar conceito? O conceito não serve para compreender ou explicar. O conceito organiza, soluciona uma problemática regional específica por meio de conexões invulgares entre conceitos. O conceito é intensivo, ou seja, organiza qualitativamente o funcionamento de algo a partir das relações de suas singularidades.

[...] as relações no conceito não são nem de compreensão nem distensão, mas somente de ordenação [...] o conceito de pássaro não está em seu gênero ou em sua espécie, mas na composição de suas posturas, cantos [...] Um conceito é uma heterogênese uma ordenação de seus componentes por zonas de vizinhança (DELEUZE, 1992, p. 28).

O conceito tem uma história: deriva de conceitos precedentes. Por outro lado, tem uma geografia, ou seja, os conceitos que ele se relaciona dentro do seu espaço que o autor chama de ideal. Deleuze (1992) chama de zona de vizinhança as relações internas entre os componentes intensivos (singulares) do conceito e ponte a conexões com o fora.

Em resumo: o conceito inventa uma solução para um problema filosófico-geográfico, ou seja, pensar (articular termos) sobre uma questão regional. Pensar filosoficamente é ordenar o caos-problema por meio de relações conceituais. O conceito é ao mesmo tempo fragmentado e uno, fragmentado porque tem diferentes multiplicidades (termos singulares), uno porque essas intensidades formam um todo inseparável (endoconsistência) (DELEUZE, 1992b).

Didaticamente o procedimento poderia ser descrito em seis passos: problematização, traçar um plano de imanência, propósito-intenção, seleção de singularidades, torção das singularidades e articulação das singularidades em um espaço ideal.

Primeiro passo: a problematização. Para Deleuze (2003) a criação é forçada: há sempre uma violência de um signo que faz pensar, inventar, no caso da filosofia, criar conceitos. Seriam os problemas que tornam os conceitos geográficos, específicos, ou seja, são criados para solucionar um problema situado: é por isso que os conceitos são

sempre regionais. ‘‘Todo conceito remete a um problema, a problemas segundo os quais não teria sentido’’ (DELEUZE,1992b, p.24). O problema para a filosofia de Deleuze era, sobretudo, escapar de uma filosofia da representação-identidade.

Passo dois: traçar um plano de imanência. Os problemas, as violências estão envolvidas com a composição do que Deleuze (1997) chama de plano de imanência. ‘‘O plano de imanência é um corte no caos que funciona como uma máquina abstrata, um diagrama’’ (DELEUZE, 1992b, p.51).

O diagrama é um gerador de relações que promove zonas de vizinhança apresentando funções puras, ou seja, ainda não diferenciadas ou atualizadas. São puras porque são qualidades desconexas ou desordenadas. É por isso que são imperceptíveis: não trazem relações de semelhança com os esquemas de representação estabelecidos, logo, não são reconhecidas, e, portanto, invisíveis. Nesse sentido, o diagrama, a todo momento, trama com o virtual, estabelecendo novas conexões (DELEUZE,1997,p .227).

Traçar um plano de imanência seria, portanto, privilegiar intuitivamente relações com o virtual (qualidades desconexas) a partir da apresentação de um problema. Nesse sentido, existiria uma espécie de hierarquia de ressonâncias com o virtual a partir do problema. Em uma sentença: traçar um plano de imanência seria estabelecer relações intuitivas com o caos a partir do problema, conectar-se com singularidades ainda não formalizadas, ou seja, não organizadas na representação.

Terceiro passo: delimitação do propósito-intenção. Adentra-se em um nível consciente do processo. No caso da composição de conceitos feita por Gilles Deleuze, seu propósito é a composição de uma filosofia da diferença, logo, sua intenção é buscar aliados que lhe sirvam para tal.

Quarto passo: escolha dos aliados. Deleuze (1992) chama de intercessores ou Personagens Conceituais os escolhidos para as alianças:

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas- para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas- mas também coisas, plantas, até animais [...] É preciso fabricar seus próprios intercessores (DELEUZE, 1992, p.156).

O Personagem conceitual seria uma espécie de ‘‘meio campo’’ entre o caos indiferenciado do virtual e a criação de conceito no espaço da representação. Tratar-se-ia de estabelecer ressonâncias entre os termos indiferenciados do caos, as funções

puras diagramáticas do plano de imanência, com o agenciamento concreto que representa e organiza os termos.

[...] o personagem conceitual e o plano de imanência estão em pressuposição recíproca [...] Por um lado ele mergulha no caos, tira daí determinações das quais vai fazer os traços diagramáticos de um plano de imanência [...] Por outro lado [...] faz corresponder traços intensivos de um conceito que vem ocupar uma região[...] como se esta se fendesse (DELEUZE, 1992b, p. 99).

Deleuze, portanto, com a intenção de construir sua filosofia da diferença, escolhe personagens-conceituais para criar com eles. A busca por intercessores é feita em diversos campos de saber: na filosofia (Espinosa, Bergson, Nietzsche, Hume, Foucault), na literatura (Proust, Kafka), na pintura (Bacon) ou mesmo no cinema. As intensidades, ou seja, as qualidades diferenciais desses autores deveriam ter sido selecionadas por um diagrama a partir do plano de imanência.

Quinto passo: diferenciação-torção dos intercessores. Se Deleuze escolhe algum filósofo, pintor ou literato como aliado é porque percebe que pode usar algo do autor para a composição da filosofia da diferença. No entanto, não se trataria de copiar o filósofo ou o pintor.

Tratar-se-ia antes de torcer os termos capturados, diferenciando-os: desfigurando os termos capturados em consonância com seus propósitos. Aspectos escondidos, implícitos ou meramente sugeridos ganham singularidade, ou seja, "[...] compreende, a sua maneira, a noção proposta pelo outro" (DELEUZE, 2004, p. 157).

É o que Deleuze faz com a noção de virtual de Bergson, intensidade em Espinosa, eterno retorno e vontade de potência de Nietzsche, saber-poder e subjetivação em Foucault. Machado (2010) faz uma competente pesquisa discutindo as torções feitas por Deleuze.

Sexto passo: a articulação entre os termos diferenciados no espaço ideal: “Dir-se-ia que alguma coisa passa entre eles, com velocidades e intensidades diferentes, que não está nem em uns nem nos outros, mas verdadeiramente em um espaço ideal” (DELEUZE, 1988, p. 27).

A potência da invenção não estaria apenas na torção dos termos, mas, sobretudo, nas ressonâncias derivadas das relações entre os termos diferenciados. Deleuze (2006, p. 132), em um dos seus textos, chama de precursor sombrio aquele que estabelece a comunicação entre os termos no espaço dito ideal ou da

diferença: “É bem o que significa a criação de conceitos [...] conectar um conceito no outro, de tal maneira que outras conexões mudariam sua natureza” (DELEUZE, 1992b, p.109).

Em resumo, ter-se-ia o seguinte caminho de composição do conceito: problema, traçar intuitivamente um plano de imanência-diagrama, delinear intencionalmente o propósito, buscar intercessores, torcer, relacionar as torções, compondo o conceito.

Esses termos estão em constante interação-ressonância: do caos emanam traços diferenciados que são selecionados a partir da problemática em um diagrama de relações (plano de imanência). A partir deste acontecimento, efetua-se a escolha dos intercessores que são organizados em um espaço ideal. Neste espaço, são atualizados em um conceito que organiza e relaciona os termos compondo um sistema conceitual.

A filosofia apresenta três elementos [...] o plano pré-filosófico que dela deve traçar (imanência), ou os personagens pró-filosóficos que ela deve inventar (imanência) e fazer viver (insistência), os conceitos filosóficos que ela deve criar (consistência) (DELEUZE, 1992b, p. 93).

3.Composição de conceito interdisciplinar em comunicação: A cognição comunicacional em sua dimensão genética

Deleuze (1992) propõe que é próprio da filosofia criar conceitos a partir de um plano de imanência e de personagens conceituais. A ciência, por outro lado, cria funções ou proposições a partir de um plano de referência, estados de coisas e observadores parciais.

Propomos, no entanto, que a ciência deveria ter um devir-filosófico, ou seja, tornar-se ou fazer alianças com a filosofia e inventar conceitos-soluções, capturando e torcendo ideias. Conceituar para depois buscar sua compreensão-análise. O Próprio Deleuze, sugere essa possibilidade: “Uma função pode ser dada sem que o conceito seja ele mesmo dado, *embora possa e deva sê-lo*”(DELEUZE, 1992b, p. 158).

Criar conceitos, como foi destacado, significa articular termos-intensidades que são roubados e torcidos, fazendo-os funcionar de forma inseparável. O conceito de cognição comunicacional foi proposto por Cavalcante (2015) durante a tese de doutoramento em Ciências, com habilitação em comunicação, defendido pela Universidade de São Paulo (USP).

O problema que motivou a composição do conceito foi o de ordenar o funcionamento de um tipo específico comunicação: a criatividade comunicacional, ou seja, tratar-se-ia de escapar do privilégio do consenso, redundância, da noção de transmissão da informação que tem suas raízes, sobretudo, na teoria da informação e cibernética.

Não se trata, portanto, de um conceito que tem um intuito de organizar as qualidades comunicações vulgares, mas antes pensar sobre processos inovadores derivados da interação. O plano de imanência, portanto, é traçado a partir da problemática de escapar da ideia de uma comunicação que valoriza a redundância-transmissão-repetição-consenso. O conceito de cognição comunicacional duas dimensões de complexidade, a saber.

O primeiro é o semiótico-genético que funciona por meio da relação três dimensões conceituais: intensidade, continuidade e associação. O segundo é sócio-político e cultural e também tem três termos: distinção social, repertório cultural e agenciamento político. Cada termo, embora tenha sua singularidade, afeta não só os termos do seu nível de complexidade como os dos outros níveis. O conceito funciona por meio das relações e interinfluências entre estes tecidos.

Destacaremos neste artigo, no sentido de apresentar o procedimento, a dimensão semiótico-genética. O propósito dessa dimensão conceitual é ordenar o funcionamento lógico da criatividade por meio da comunicação, sua formação. Por outros termos, tratar-se-ia de traçar um diagrama que, por meio das relações entre seus termos singulares, torne possível organizar uma noção sobre o funcionamento de processos de invenção coletiva graças a comunicação. Os três termos que compõe esse conceito são: intensidade, continuidade e associação comunicacional.

Utilizaremos três personagens conceituais. Gilles Deleuze (1988). Charles S. Peirce (1998) e Emile Durkheim (1999). Não interessa aqui apresentar de forma aprofundada os conceitos dos aludidos autores, mas antes apenas apresentar o procedimento, ou seja, como capturar aspectos do conceito, trazer para o seu ambiente de interesse (a comunicação), torcer e associar os termos, fazendo funcionar o conceito.

Deleuze (2003), em seu livro sobre Proust, propõe que o signo é antes de tudo uma força-intensidade que faz pensar. Do signo emana violência que agita o

inventor, fazendo-o criar. O signo é algo que afeta: gera uma zona de irritabilidade que incitará a criação. O signo, portanto, deforma ou desfigura os territórios exigindo uma re-territorialização inventiva.

O primeiro termo, portanto, é a intensidade comunicacional. Este seria composto pelas recíprocas caotizações promovidas pela interação entre os sujeitos e seus signos-intensivos, caracterizando um contexto-problema. Por outros termos, não se trata da interação entre sujeitos vulgares em contextos previsíveis: como um bom dia no elevador. Tratar-se-ia antes da interação entre sujeitos singulares em contextos invulgares.

Nesse agenciamento específico, comunicar é afetar e ser afetado coletivamente. Cada sujeito produz uma intensidade que desestabiliza o outro: uma mobilização coletiva de pensamento: interação problematizante.

O segundo termo é a continuidade comunicacional. Para isso capturaremos a noção de fundamento do signo proposta por Peirce (1998). A definição mais básica de signo é a seguinte: o signo é uma coisa (seu fundamento) que representa outra (seu objeto) para um terceiro (seu interpretante). O fundamento do signo, portanto, é o que possibilita a relação, a continuidade, entre objeto e o interpretante.

O primeiro aspecto que capturaremos de Peirce (1998) é a noção de uma continuidade semiótica, ou seja, dos objetos emanam ressonâncias que continuam nos signos por três razões: semelhança (ícone), contiguidade (índice), leis, convenções ou hábitos (símbolos). Em nossa apropriação, são modos do objeto continuar ou se estender, no entanto, de forma diferente: a partir de signos.

O modo como esses signos vão continuar depende da sua relação com o interpretante dinâmico, ou seja, o efeito real dos signos sobre uma mente. Peirce (2005, p.168) chama de interpretante dinâmico este efeito que possui três dimensões: emocional, energético e lógico.

O emocional tem predomínio quando o efeito é contemplativo. Tratar-se-ia do efeito qualitativo do signo sobre uma mente. O segundo nível, que envolve o primeiro, é o energético e tem a ver tanto com o impacto das qualidades dos signos sobre a mente quanto a energia reativa decorrente do impacto.

O terceiro nível é o lógico que deve envolver os dois primeiros. Nesta dimensão interpretante, a mente identifica os hábitos, convenções e leis presentes nos signos para inferir conclusões eficientes. No entanto, não é só isso. O lógico continua

agindo depois do impacto do signo na insistência de conhecer melhor seu objeto. Tratar-se-ia da construção mental de diagramas de raciocínios para aperfeiçoar as ações futuras em contextos similares.

Em nossa apropriação dos conceitos de Peirce, propomos a seguinte dinâmica para organizar o funcionamento das relações entre o termo intensidade e continuidade comunicacional, a saber.

No momento da intensidade comunicacional, há predominância icônica, ou seja, a apresentação de qualidades. No entanto, tais qualidades são ainda desconexas pois derivam de contextos e sujeitos desconhecidos, logo, gerando efeitos de imprevisibilidade. Não há mediações que garantam reconhecimento para estabelecer semelhanças. Nesse sentido, temos um efeito emocional confuso, no qual há falha no reconhecimento-contemplação das qualidades.

Ora, tal falência leva a um predomínio do interpretante energético. Isso porque a desconexão entre as qualidades gera dúvida, e, logo, um intenso modo de ser afetado que, por sua vez, impulsiona grande energia para resolver o desconforto-problema.

Tal energia impulsiona interpretante lógico que move, manipula, torce os elementos diagramáticos, buscando compreender o caos qualitativo que assalta a mente. Dada a problematização dos esquemas de representação estabelecidos, a experiência do raciocínio é forçada: inventar é preciso, ou seja, criar uma expressão para o assalto caótico.

Nessa articulação entre Deleuze e Peirce, é possível entender o funcionamento dos signos-intensos enquanto incitadores de pensamentos criativos. Os sujeitos em interação, portanto, precisam inventar coletivamente um fundamento de signo: algo que possibilite o compartilhamento de um conhecimento em dado contexto e, consequentemente, a recíproca continuidade dos sujeitos por meio do signo criado. Poder-se-ia complementar essa trama com os conceitos de virtual-actual propostos por Deleuze (2005).

Esta noção de virtual é muito cara aos nossos propósitos. Isso porque nos termos de Deleuze (2006), o possível está relacionado a imagem do pensamento, aquilo que já está conectado, organizado: só lhe falta realização. Assim a realização, passagem do possível para o real, não resulta em diferença qualitativa. Neste nível estaríamos em uma comunicação vulgar-estabelecida.

Por outro lado, do virtual para o atual, há um processo de diferenciação. O atual não realiza uma possibilidade já prevista no virtual. A atualização é a invenção de uma nova conexão de qualidades até então desconexas. É isso que interessa a uma criatividade comunicacional.

Nesse sentido, o fundamento do signo-interação, ou seja, aquilo que substitui a intensidade do outro em dado agenciamento, deve ser atualizado, ou seja, inventado pelos sujeitos em interação. Detalhando o argumento. Suponhamos que temos os sujeitos A e B estão criatividade comunicacional. Se dos sujeitos emanam intensidades, então, haveria uma mútua caotização. É preciso, portanto, inventar coletivamente um fundamento sógnico que possibilite que A conheça aspectos de B enquanto afetado por A e vice-versa.

O segundo termo, portanto, a continuidade criativa, se refere a invenção de um fundamento-signo da interação derivada das mútuas problematizações. Por outros termos, a criação de um conhecimento partilhado da interação.

O terceiro personagem conceitual é o sociólogo francês Emile Durkheim (1999). O que nos interessa capturar é a ideia de solidariedade orgânica. Para o sociólogo, nesse modo de sociabilidade, há uma consciência de interdependência. Tal consciência deriva da complementaridade entre as tarefas realizadas. O que conecta os sujeitos são seus aspectos singulares e sua importância para o funcionamento do “organismo” social no qual estes estão inseridos.

Se consideramos Durkheim um aliado é porque é possível extrair de sua teoria sociológica uma ideia de associação das singularidades em interação. Em um contexto de cognição comunicacional, os sujeitos em interação não precisam desenvolver um amplo conhecimento em comum.

Tratar-se-ia antes de associar singularidades a partir de um pequeno conhecimento da interação. Nesse sentido, temos uma outra dimensão criativa: a especificidade das singularidades associadas, ou seja, da cooperação entre as diferenças inventadas a partir da mútua afecção.

Em resumo, em sua primeira dimensão, que chamaremos de semiótica-genética, a cognição comunicacional é organizada por meio da relação de três termos: 1) a intensidade que promove a mútua caotização entre os interagentes. 2) A continuidade como uma invenção coletiva do fundamento sógnico da interação que possibilita a

recíproca continuidade entre os sujeitos; 3) A associação que promove a cooperação das singularidades tendo em vista um propósito.

A intensidade-comunicacional gera a mútua problematização dos sujeitos em interação, incitando-os a uma invenção coletiva. As mútuas problematizações afetam o segundo termo: a continuidade-interação. Nessa dimensão, é composto o fundamento de signo coletivo que possibilita a mútua continuidade entre os sujeitos. Tal conhecimento em comum, por sua vez, possibilita a associação das singularidades produzidas na interação.

Não se trata de uma sequência linear. A intensidade pode problematizar associações de singularidades, incitando novas gêneses interativas. A distinção da cognição comunicacional, enquanto interação criativa, é promover ciclos de intensidades para promover novos fundamentos e modos de associação de singularidades.

Nessa trama, portanto, o conhecimento em comum deve ser desenvolvido apenas para possibilitar as associações das singularidades dos sujeitos: a prioridade é a associação das diferenças e não a redundância. O aumento da redundância, do compartilhamento do conhecimento, reduz a associação das singularidades. Nesse sentido, a importância dos constantes ciclos de problematizações.

Considerações Finais

Este artigo buscou contribuir por meio da proposição de um método de criação de conceitos para a comunicação baseado na filosofia da diferença proposta por Gilles Deleuze. Acredita-se que a invenção de conceitos organiza, contextualiza e tornam as discussões geográficas, ou seja, prioriza um domínio específico de saber.

A dinâmica comunicacional é extremamente complexa: influenciada pelos meios, emissores, receptores, aspectos sócio-políticos e culturais bem como pela interação destes aspectos. Propor uma geografia conceitual da comunicação é procurar organizar as intensidades de cada contexto.

Neste escopo, o conceito de cognição comunicacional proposto por Cavalcante (2015) procura organizar o funcionamento dos termos-intensidades envolvidas em um processo de criação interativa. Neste artigo, foi apresentada a dimensão genética que funciona por meio da relação entre três termos: intensidade, continuidade e associação das singularidades.

REFERÊNCIAS

- CAVALCANTE, Diego f. Marques. **A cognição comunicacional no futebol: a semiótica táctica no agenciamento midiático-televisual**. 24 de março de 2015. 264 páginas. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo (USP); ECA; Departamento de ciências da comunicação.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: 34, 1992 a.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** São Paulo: 34, 1992b.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.1. São Paulo: 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.2. São Paulo: 34, 1995b.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. São Paulo: 34,1997.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense, 2003.
- DELEUZE, Gilles. **Diálogos**. Lisboa: Relógio d'água, 2004.
- DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta: e outros textos**. São Paulo. Iluminuras, 2006.
- DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa**. Campinas: Papyrus, 1994.
- ETGES, Norberto. **Estrutura vs Subjetividade. Uma relação de exterioridade?**. Porto Alegre: Educação e realidade, 1994.
- MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zaar, 2010.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma e reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2010.
- PEIRCE, Charles. S. **Antologia filosófica**. Lisboa: INCN, 1998.
- PEIRCE, Charles. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.